

David Le Breton, *Rire. Une anthropologie du rieur* (Paris: Métailié, 2018), 260 pp. ISBN: 979-1022608282

O riso está por todo o lado; é universal. Porém, é um ato típica e exclusivamente humano. Por isso, pode-se afirmar que a pessoa humana não só é o único ente capaz de rir, de forma natural ou forçada, desde o seu nascimento até à sua morte, mas também, ao mesmo tempo, de, intencionalmente, fazer rir os outros.

O riso trata-se, portanto, não só de um ato linguístico, verbal e não-verbal, mas também volitivo, afetivo, cultural, político, religioso e social, que se manifesta, de diferentes modos, em diferentes e amplos contextos, sob várias intenções.

De uma forma geral, estes são, pois, os principais objetivos deste livro, bastante legível, que divide-se em sete capítulos, do antropólogo e sociólogo francês, David Le Breton, que, ao longo de vários anos, tem-se dedicado à investigação de temas relacionados com o corpo, o sofrimento, o silêncio, as paixões, o caminhar, a adolescência, a identidade, etc..

Assim, no primeiro capítulo, o autor analisa de que modo o riso desempenha um papel importante na sociabilização e como a sociedade condiciona o riso. Já no segundo, basicamente analisa como o riso serve de crítica, de disciplina, de correção, ou até mesmo de tortura para com aqueles com quem convivemos.

Sucessivamente, no terceiro capítulo, o autor disseca as diferentes intenções que estão escondidas debaixo do riso, muitas delas opostas. De facto, por exemplo, pode-se rir ou fazer rir, para ajudar uma pessoa que passa dificuldades, como também para violentá-la.

Em seguida, no quarto, o autor analisa o riso nas diversas faixas etárias, bem como nos diferentes sexos. Já no quinto, relaciona o riso com os diferentes períodos da história e as diferentes culturas e religiões.

No sexto, por sua vez, interpreta como o riso serve também para uma pessoa opor-se, resistir e, até mesmo, defender-se diante de certas realidades negativas, deploráveis ou atrozes.

Por último, no sétimo capítulo, o autor disseca como o riso é terapêutico, ou seja, como ele ajuda-nos a enfrentar e a transcender as preocupações quotidianas e as situações de sofrimento, como também de que forma podemos, recorrendo a ele, ajudar as pessoas a tornarem-se mais resilientes e a integrarem de melhor modo as suas preocupações e as situações que lhes causam sofrimento.

Nesta linha, após esta análise à metodologia e à estrutura desta obra, gostaria de evidenciar os seguintes pontos, que considero aqueles que mais se destacam neste livro. O primeiro consiste no facto de o autor distinguir, recorrendo à etimologia, o riso de outras realidades essencialmente distintas, mas que se podem relacionar entre si, como por exemplo, do sorriso, do humorismo, da derisão, da bufonaria, da burla, da ironia, do sarcasmo, da paródia, da sátira, da alegria, etc. Por exemplo, podemos-nos rir de situações tristes ou embaraçosas. Do mesmo modo, também podemos chorar de alegria.

Considera-se igualmente relevante que o autor associe o riso não só a eventos, digamos, em certo sentido, positivos, mas também negativos. De facto, rimo-nos não só porque estamos alegres, de bom humor, porque recebemos uma boa notícia, diante de uma situação cómica, etc., mas também diante de situações de angústia, de sofrimento, para mostrar ódio, indiferença, ressentimento, para impor superioridade, ou inclusive para maltratar ou torturar alguém, etc. Em suma, basicamente podemos rir-nos de tudo.

Portanto, neste sentido, pode-se afirmar, de acordo com David Le Breton, que as declinações e os matizes do riso são inúmeros, ambivalentes e inclusive contraditórios, pois não se ri pelos mesmos motivos, nem debaixo das mesmas condições, nem do mesmo modo, nem com as mesmas manifestações verbais e não-verbais, nem durante o mesmo tempo, nem com a mesma intensidade. Assim, de igual modo, pode-se destacar, seguindo o raciocínio do autor, que o riso não consiste, portanto, num automatismo, nem tampouco se funda numa teoria concreta ou num estado de ânimo particular, nem possui qualquer formula específica de fabricação.

Nesta linha, considera-se também interessante o facto de o autor evidenciar, em contrapartida, que o riso é subjetivo, uma realidade única e pessoal, relacionando-se, assim, ou com significado que o indivíduo atribui ao objeto ou acontecimento que motiva o seu riso ou com certos estados afetivos que o causam. Neste sentido, o que é motivo ou causa de riso para uma pessoa, pode não o ser para outra.

Tendo em consideração esta obra, a subjetividade do riso verifica-se, de igual modo, no facto de que nos rimos de diferentes modos, mesmo quando nos deparamos com as mesmas realidades que motivaram ou causaram o nosso riso.

Associado a isto, um outro ponto que é importante destacar neste livro é o facto de o autor considerar o riso não só como uma vivência intencional, mas também uma vivência não-intencional. Isto é, o riso é uma vivência intencional, pois trata-se de uma resposta simultaneamente intelectual, volitiva e afetiva, motivada por um objeto ou acontecimento, dotado de importância, positiva ou negativa, para aquele que ri. Assim, neste sentido, para se compreender o riso é necessário ter-se, de igual modo, em consideração o sujeito do riso, o objeto ou acontecimento que o motiva, e a circunstância onde a pessoa se encontra. De facto, o riso depende e varia segundo as situações, os contextos, os lugares, os interlocutores, etc.. Por outro lado, o riso é, de igual modo, uma vivência não-intencional, pois certos estados afetivos podem favorecer o riso como inclusive o álcool e as drogas. Pode ser simultaneamente uma vivência intencional e não-intencional, quando, por exemplo, uma pessoa, após ter bebido álcool, que a torna mais suscetíveis ao riso, ri motivada por uma piada que lhe foi contada.

Considera-se também interessante na obra que o autor tenha relacionado o riso com a sociedade, os grupos e as culturas. Isto torna-se evidente, sobretudo através dos seguintes modos. Em primeiro lugar, quando demonstra que a sociedade, os grupos e as culturas podem condicionar não só os motivos pelos quais nos rimos, como também como nos rimos e, ao mesmo tempo, estabelecer os limites e regras

face ao nosso riso. Em segundo lugar, quando salienta que muitas das vezes rimo-nos para criticar algumas manifestações sociais e culturais ou para disciplinar alguém, sobretudo, quando não existem outros modos mais convenientes para o fazer. Sucessivamente, quando menciona que o riso é um meio potente para criarem-se ou solidificarem-se as relações sociais, ou para fazer com que as relações decorram dentro de certos limites, evitando-se, assim, a hostilidade e os conflitos. De facto, é mais difícil atacar verbal ou não-verbal uma pessoa que ri, pois, o riso, em muitas situações, implica o dom da indulgência. Neste sentido, como o autor de igual modo demonstra, o riso também funciona como uma arma, que permite-nos resistir ou desarmar, simbolicamente, os nossos adversários. Por último, destaca-se que o riso serve para confirmar e estabelecer a unidade de um grupo de pessoas. De facto, as pessoas do grupo tendencialmente riem das mesmas coisas.

Associado a este ponto, considera-se de igual modo interessante que o autor tenha analisado como o riso se manifesta em pessoas com diferentes idades e nos diferentes sexos. De facto, os jovens e os idosos riem-se por motivos diferentes e de diferentes modos. O mesmo acontece em relação ao homem e à mulher.

Nesta linha, considera-se também interessante que o autor tenha analisado nesta sua obra como o riso foi visto, considerado e abordado ao longo da história. De facto, o riso não foi sempre bem visto em certos períodos da história, pelo contrário. Já em outros foi bastante promovido e estimulado. Do mesmo modo, o autor também salienta que, de uma forma geral, os motivos do riso mudam ao longo da história, ou seja, enquanto no passado as pessoas riem de coisas que para nós hoje são banais, em contrapartida, hodiernamente, nós rimo-nos de algumas das atitudes, normas, tradições, etc. vigentes no passado.

Posteriormente, considera-se de igual modo importante que o autor tenha relacionado e analisado a religião e o riso, isto porque apesar de algumas religiões aprovarem as diversas manifestações do riso, o mesmo não acontece com outras. Contudo, penso que a relação que o autor estabelece entre o cristianismo e o riso é um pouco superficial, pois afirma que o cristianismo e o riso são, na sua grande maioria, incompatíveis, algo que pode ser objetado, se considerarmos que, por exemplo, a Igreja Católica considera São Tomás Moro e São Filipe Neri como patronos do bom humor e da alegria, respetivamente. De facto, o riso era bastante comum nestes e noutros santos venerados pela Igreja Católica.

Considera-se também importante que David le Breton tenha analisado como os *media*, a literatura e o cinema se relacionam como o riso, em particular como alguns de eles, ao longo da história, têm sido meios potentes para implementar, promover e fomentar o riso, bem como para educar as pessoas no riso. De igual modo, salienta-se também o facto de o autor ter analisado, ao longo da história, os diferentes meios onde promove-se, estimula-se, educa-se e critica-se com o riso.

Deve-se, de igual modo, salientar que o autor tenha analisado e relacionado o sofrimento com o riso, mostrando não só o lado benéfico e terapêutico de quem ri,

face às situações difíceis que vive, como também de quem faz rir as pessoas que vivem situações dramáticas nas suas vidas, em particular os familiares das vítimas e os especialistas de saúde que convivem com elas. Destaca-se sobretudo, nesta linha, que o autor tenha mencionado a importância do riso nas situações extremas dos campos de concentração. Do mesmo modo, o facto de as vítimas conviverem com pessoas que riem, também as ajuda a transcenderem essas situações que causam-lhe sofrimento.

Vimos que podemos rir por várias e antagónicas intenções, por exemplo para ajudar e encorajar uma pessoa ou para mostrar-lhe simpatia, ou, em sentido oposto, para violentar, humilhar, manipular, mostrar hostilidade, etc.. Vimos, de igual modo, que quando rimos devemos ter em consideração as circunstâncias, o contexto, os modos, a intensidade e a durabilidade, caso contrário, corremos o risco de molestar, ofender ou agredir as pessoas, vítimas de tais risos. Neste sentido, considera-se também importante que o autor tenha relacionado o riso com a moralidade. Ou seja, o nosso riso, tendo em consideração, sobretudo estes fatores, pode ser avaliado desde o ponto de vista moral.

Tendo, não só, lido outros trabalhos de investigação de David Le Breton, como também assistido a algumas das suas conferências, via online, gostaria de terminar esta resenha, se me é permitido, encorajando o autor a continuar com o seu bom trabalho de investigação, como tem habituado os seus leitores, sobre temas que são importantes para o desenvolvimento das várias áreas do conhecimento, em particular, da sociologia e da antropologia.

Eugénio Lopes

Universidad Nacional de Educación a Distancia

lopes_eugenio@hotmail.com

Orcid: 0000-0001-8474-3538

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_62_15

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO VOLUME XXXI

